



## **CIRCULANDO PELA CIDADE: TRAJETÓRIAS JUVENIS, EXPRESSÕES E SENTIDOS PECULIARES**

MELO, Mônica A. S. Silva

*Estudante de Mestrado do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Social  
mnivida@yahoo.com.br*

LEITE, Marcos Esdras

*Professor do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Social  
marcosesdras@ig.com.br*

210

### **RESUMO**

As abordagens sobre juventudes enfatizam uma multiplicidade de percursos e modos de vida em distintos contextos, principalmente no espaço das cidades contemporâneas. É possível encontrar variadas trajetórias juvenis e respostas heterogêneas as questões vivenciadas, dentro de uma mesma cidade. As juventudes se apresentam como atores sociais com formas singulares de sociabilidades que merecem enfoque nos saberes produzidos acerca da categoria. Em determinadas pesquisas acadêmicas abordam-se às práticas sociais juvenis e sua relação com o espaço urbano. Os referidos estudos apontam que os jovens na circulação pela cidade, sozinhos ou em grupos, fazem usos dos seus espaços, apropriando e dando-lhes novos sentidos. Nessa direção, que se encaminhará o presente artigo, uma breve discussão teórica acerca das referidas trajetórias dos jovens de camadas populares da periferia urbana de algumas grandes cidades brasileiras. O espaço urbano é formado por uma teia de relações sociais, apresenta contradições, potencialidades e limites. No entanto, as referidas juventudes com suas variadas práticas sociais, apesar de limitações impostas pelo seu contexto social, demonstram através das experiências e vivências nos percursos na cidade, novas possibilidades surgidas mediante a interação, mobilidade e circulação pelo espaço urbano.

**PALAVRAS-CHAVE: Juventudes. Espaço urbano. Sociabilidades.**

### **ABSTRACT**

Studies dealing with youths emphasize a multiplicity of paths and ways of life in different contexts, especially in the space of contemporary cities. You can find various youth development and heterogeneous responses to issues experienced within the same city. The youths present themselves as social actors with unique forms of sociability that deserve focus on knowledge produced about the category. In certain academic research is to address youth-social practices and its relationship with urban space. These studies indicate that young people in the movement through the city, alone or in groups, make use of its spaces, appropriating and giving them new meanings. In this direction, it will forward this article, a brief discussion of such trajectories of youths from lower classes of the urban periphery. Urban space is formed by a web of social relations, presents contradictions, possibilities and limitations. However, those youths with their varied social practices, despite limitations imposed by their social context, demonstrate through the experiences and life journeys in the city, new possibilities arose through interaction, mobility and movement through the urban space.

**KEYWORDS: Youths. Urban space. Sociability.**



## INTRODUÇÃO

São várias as vertentes conceituais que giram em torno das juventudes e suas práticas sociais. Percebe-se que isso contribuiu para a juventude emergir publicamente, ou seja, ser percebida enquanto categoria social, com questões e experiências específicas. A sua diversidade de práticas sociais, comportamentos e expressões tornaram-se campo de pesquisa no decorrer dos anos.

Historicamente, as esferas participativas dos sujeitos juvenis foram mudando e assumindo novas configurações em cada conjuntura. Na sociedade contemporânea, brotaram variadas práticas cotidianas com múltiplas redes de sociabilidades, são novos modos de ser e de viver, concebidos, praticados e vividos pelos atores jovens nos diversos espaços em que estão inseridos. Não se pode falar em único modo de ser jovem, em um único paradigma que abranja todas as juventudes<sup>1</sup> brasileiras.

As manifestações que ocorriam e ocorre em torno da escola e universidades não são mais os únicos campos de análises, surgiram múltiplas esferas participativas que são também uma forma de expressão e reconhecimento no espaço urbano. Nesse meio, sozinhos ou em grupos, os jovens transitam pelos espaços públicos ou privados, e vivenciam experiências de vida singulares, que às vezes passam despercebidas e escapam aos olhares dos seus habitantes.

Quanto às pesquisas realizadas no âmbito acadêmico, elas possuem perspectivas heterogêneas e trazem como abordagem esferas distintas quanto à denominação e conteúdo, ou enfatizam certos aspectos dos jovens. Recentemente as pesquisas que tratam sobre as diversas ações, formas de expressão e práticas juvenis, especialmente em relação aos seus distintos grupos apontam a relação estabelecida com a dimensão espacial e suas práticas de criação e recriação no e com o espaço urbano. Na circulação pela cidade os jovens fazem usos dos seus variados espaços e subvertem muitas vezes a lógica de determinados lugares, apropriando deles e dando-lhes novos sentidos a partir das experimentações e vivências em tal espaço.

A realidade das juventudes brasileiras é única em cada contexto. E a vida urbana, sobretudo dos jovens de famílias de periferia de baixa renda é vivida através de limitações,

---

<sup>1</sup> Empregamos o termo *juventudes* no plural, conforme proposto por Dayrell e Carrano (2007), Abramo (1994) e Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2004), para se referir à categoria juventude, uma vez que o mesmo abrange a heterogeneidade dos sujeitos juvenis e de suas vivências.



condições de existência precárias, usos de equipamentos públicos de baixa qualidade, interdições em múltiplas experiências na vida cidadina. As pesquisas acadêmicas mostram que em meio a esse cenário de precariedades coexistem trajetórias de vida heterogêneas que vão se construindo e lutam para ter acesso aos bens materiais e simbólicos que as cidades oferecem.

A partir das leituras e reflexões realizadas acerca das juventudes brasileiras, identificamos a importância dos modos de vidas, apropriações e trajetórias particulares vividas pelos jovens da periferia no espaço urbano. Eles apesar das limitações e segregações existentes nesse meio, pronunciam e se expressam através das mais variadas práticas sociais<sup>2</sup>. Entendemos que, os territórios juvenis são maneiras alternativas de inserção, mobilidade e identificação no contexto das cidades. São vias possíveis e estratégias de luta em meio a outros espaços institucionalizados que não os reconhecem.

Nessa direção, que se encaminhará o presente artigo, uma breve discussão teórica acerca das referidas trajetórias dos jovens pobres da periferia urbana. O levantamento bibliográfico, bem como a leitura e análise dos resultados de pesquisas científicas realizadas no Brasil em torno da presente discussão permitirá fundamentar esta proposta. Compreendemos a importância de conhecer as vivências juvenis não institucionalizadas e que se tornam significativas na vida de parcelas dos jovens no cenário de grandes centros urbanos brasileiros. Dessa maneira, apreendemos as possibilidades e restrições que as referidas práticas sociais acarretam aos jovens. Destrinchar essas especificidades das trajetórias das juventudes é importante para perceber como as mesmas se inserem e se intervêm na sociedade, bem como constroem suas diversas formas de sociabilidades no tempo e no espaço.

## **1- Juventudes urbanas: suas trajetórias e sentidos peculiares**

A cidade como lugar de vida exerce atração sobre grande parcela das pessoas, sendo considerada como um espaço promissor e com diversas possibilidades de escolhas e modos de vida. No entanto, nesse meio existem diferenciações, impossibilidades e fragilidades

---

<sup>2</sup> A categoria práticas sociais entendidas nesse artigo foi construída a partir do conceito da tese de Nascimento (2005). São as diversas atividades realizadas pelos jovens no campo social, cultural, econômico, político, religioso, lazer, escola e família, concretizada em grupos os quais participam ou individualmente. Conforme a autora, a finalidade de conhecer essas práticas na sua pesquisa era mostrar novas formas de participação social, política e econômica que são reveladoras das potencialidades e dificuldades vividas por parcela de jovens que residem na periferia de Porto Alegre/RS. Se as mesmas forem reconhecidas podem facilitar a ascensão dos jovens a um status de direito e cidadania, e o seu desconhecimento pode gerar cerceamento de atitudes e expressões.



que demarcam a vida de muitos de seus habitantes. As interdições limitam as experiências, o acesso e usufruto de seus bens materiais e simbólicos e de seus espaços.

No Brasil, as realidades urbanas apresentam uma distribuição desigual. Para vários brasileiros cenários de pobreza, exclusão social, violência e precariedades marcam o cotidiano, relegando as suas vidas, a uma tênue possibilidade de usufruir dos benefícios que a vida na cidade proporciona. Suas escolhas versam entre as poucas opções que são restringidas pelas condições precárias de vida e pelo lugar social que ocupam, assim sendo ou se acomoda com tal realidade ou se aprende a lidar, denunciar e encontrar alternativas de ser e se constituir como pessoa e como cidadão.

Castro (2004) afirma que a circulação pela cidade impõe-se como uma condição do viver urbano. Todas as atividades rotineiras da vida cotidiana como fazer compras, estudar, divertir, passear, entre outras realizadas pelos jovens, exige-se que se embrenhe pelos espaços da cidade. Nessas idas e vindas, é que os espaços vão ganhando sentidos particulares. Assim, investidos pelos sujeitos torna-se extensão da história e da ação pessoal.

Dessa maneira, espaço e a ação são entrelaçados, ao circular pela cidade se constrói relações, ou se reforça as existentes. O espaço é social, fruto da ação humana. A circulação é significativa na vida cidadina, através dessa ação se experimenta, apropria, recria, conhece e vivencia as possibilidades do espaço. (CASTRO, 2004)

Nesse sentido, destacamos a importância da ação de circular como um ponto de partida para conhecer e ocupar a cidade. A mobilidade pela cidade é positiva para os seus habitantes, uma vez que isso propicia o usufruto da cidade. Esses deslocamentos são vivenciados não sem direção, assim os jovens experienciam e reinventam o espaço urbano através de práticas sociais diversas.

Os autores apontam que na vivência do lazer, na atuação em práticas sociais distintas e nos variados grupos, os jovens se afirmam, estabelecem laços, vivenciam a juventude e adquirem visibilidade. O espaço urbano é também um dos meios para suas aparições e ação. Nele os jovens redesenham a cidade com suas práticas e com sua mobilidade pelos lugares que a compõem. Em grupos ou solitários eles vivem um processo de aprendizagem e conquista nesse espaço. Viver na cidade implica em aprendizado contínuo com, na e a partir da cidade (CARRANO, 1999; CASTRO, 2004; DAYRELL, 2001; DAYRELL & CARRANO, 2003).



Entendemos que falar em espaço nas cidades é compreender que além de físico, ele é um local de partilha de uma teia de relações sociais. Com efeito, nas diversas realidades sociais onde estão os jovens demonstram que através das práticas cotidianas, dão sentidos às suas experiências e vivências.

A cidade se constrói pelas gentes que a habitam. Desenham-se assim contornos, espaços, convivências e, sobretudo, personagens. No ir e vir pela cidade, seus habitantes consolidam maneiras de ser, colonizando a cidade pela linguagem, pelo afeto e pela interação. O asfalto, os prédios, as ruas, o mar, as esquinas e os monumentos são permanentemente reinventados pelo modo como grupos, galeras e tipos se apropriam desses espaços, impregnando-lhes de outras perspectivas de ser e viver na cidade. (CASTRO, 2004, p.163)

Portanto, o espaço urbano é experimentado de formas diferenciadas pelos seus habitantes, assim como também as possibilidades de apropriação dos bens que a cidade propicia. As pesquisas científicas apontam que os sujeitos juvenis ocupam o espaço público, ressignificam espaços físicos e delimitam territórios com suas formas de sociabilidades. Esse panorama é também marcado por desigualdades e contradições que condicionam à vivência plena do direito à cidade, e as juventudes apresentam diferentes vulnerabilidades que permeiam a vida, mas também demonstram variadas práticas sociais, comportamentos e expressões.

## **1-2 Circulando pela cidade: Diversidades e Sociabilidades juvenis**

As aventuras e respostas plurais das juventudes as situações que vivenciam tornaram-se campo de pesquisa. Abramo (1994) uma das autoras de juventudes no contexto brasileiro considera que as décadas de 1970 e 1980 ocorreram mudanças importantes no cenário da juventude no Brasil, ainda pouco estudados. Para ela, nas décadas de 1950 e 1960 os jovens de classe média que eram a referência de juventude brasileira. No entanto, nas décadas seguintes ocorreu uma pluralização do grupo que passa a ser composto também pelos jovens de setores populares. São variados atores juvenis que surgiram e ganharam expressividade em diferentes contextos sócio espaciais.

Posteriormente, foram surgindo outros estudos centrados nos múltiplos espaços de cultura, lazer e sociabilidades juvenis, alguns deles reconheceram esses meios como esferas educativas e pedagógicas. Determinados autores deram destaque às práticas juvenis na cidade a



partir de uma cultura juvenil focada na música e em grupos de estilos. Consideram-se as pesquisas realizadas por Juarez Dayrell (2001) e Paulo Carrano (1999) que tratam da experiência juvenil na cidade, seus múltiplos cenários e manifestações.

Algumas pesquisas sobre as juventudes brasileiras exibem os jovens, especialmente das periferias urbanas como sujeitos sociais que criam territórios próprios, redesenham suas vidas e os lugares, e vão à conquista das cidades do qual fazem parte. Os autores Assis (2005); Castro (2004); Cassab (2009); Dayrell (2001); Magalhães (2008), Almeida (2009), Nascimento (2005), dentre outros desenvolveram estudos com perspectivas heterogêneas sobre as colocações mencionadas. Nesse sentido, buscando compreender e apreender a relação entre juventude e espaço urbano, será apresentado algumas das diferentes perspectivas, pois notamos uma diversidade de campo de estudos que não seguem um percurso contínuo.

Entendemos que a cidade reúne bens materiais e simbólicos, atividades e fluxos que exercem atração populacional e decorre na maioria das pessoas na tessitura de perspectivas de novas possibilidades de vida. Atualmente, grande parte da população mundial vive em cidades e convivem com situações de vida e problemas sociais variados.

Viver na periferia, principalmente das grandes cidades, é conviver com vulnerabilidades variadas, escassos equipamentos públicos, oportunidades de trabalho, cultura e lazer limitadas, muitas vezes os jovens são atraídos pelas possibilidades vislumbradas através do crime e do tráfico.

Esses jovens que vivem na periferia tem um cotidiano marcado pelas impossibilidades de sua condição social. Eles possuem um acesso restrito aos serviços e bens oferecidos pela cidade, às suas oportunidades de educação, cultura, saúde, lazer e esporte são diferenciadas e escassas. Nas periferias urbanas se lidam com cotidianos muitas vezes demarcados pela falta de perspectiva de um futuro promissor e de um projeto de vida palpável, sendo assim as experiências que essas juventudes fazem no/com o espaço urbano é singular.

Castro (2004) ressalta que a vida cidadina, especialmente em grandes centros urbanos, marca profundamente seus habitantes em todos os aspectos. E avalia que nesse espaço, sobretudo as crianças e jovens se apresentam em situação de invisibilidade, uma vez que essa é construída por e para os adultos, e eles a recebem como obra dada pelos adultos.

Entretanto, Nascimento (2005) identifica que são os jovens que ocupam os mais variados espaços na cidade. Eles estão em diversos ambientes que compõem a cidade, públicos ou privados, nos vários meios que conseguem transitar. Os jovens aparecem e desaparecem na





complexa rede que constitui a cidade. Alguns são mais visíveis, transitam com facilidade e outros encontram empecilhos e interdições, mas todos procuram um espaço de reconhecimento.

A referida autora ressalta que “mesmo em condições precárias os jovens encontram meio de expressarem sua indignação através da sua cultura, dos seus grupos de estilos e nas marcas deixadas nos muros ou no próprio corpo” (NASCIMENTO, 2005, p.260). A partir das suas práticas sociais, eles encontram uma via possível para mostrarem quem são e o que pensam.

Percebemos que, entre outras esferas, as diferentes práticas sociais juvenis podem contribuir no desenvolvimento desses sujeitos das periferias de baixa renda, à medida que lhes possibilitam circular pela cidade e sair da invisibilidade. É possível compreender essas práticas como uma oportunidade de inclusão e de interação.

As primeiras aparições de jovens inseridas no espaço urbano que surgiram nas cidades brasileiras e articulados alguns em torno de estilos espetaculares<sup>3</sup> e visuais excêntricos foram os punks, surgidos nos finais dos anos 1970 e posteriormente vieram outros grupos ou tribos, os carecas, os metaleiros, os darks, os rappers, os rastafáris, os rockabillys, entre outros. (ABRAMO, 1994)

A referida autora após estudar a atuação, especialmente dos grupos juvenis de punks e darks, compreende que esses dois estilos era um modo dos jovens participarem na sociedade, de manifestarem sua posição no mundo, sendo também uma maneira dos mesmos criticarem os dilemas e questões vivenciados em seu tempo, bem como expressarem suas indignações, provocar reações e produzir intervenção no espaço social.

Entendemos que os jovens demonstram formas singulares de ser e viver a sua condição juvenil, a partir das especificidades do seu espaço social, e assim buscam construir significados diferenciados em cada conjuntura que lhe apresenta, através dos elementos que encontram e das experiências cotidianas que vivenciam.

Dayrell (2001) que também é um pesquisador de juventudes no Brasil centrou sua análise para tese de doutorado defendida em 2001, especificamente em grupos de estilo musical de rap e funk constituído por jovens pobres da periferia de Belo Horizonte/MG.

---

<sup>3</sup> O termo espetacular revela a ideia de uma encenação, chama atenção, atrai e prende o olhar, e guarda também sentido de exagero. Esses jovens de um estilo “espetacular” deslocavam pela cidade de um lado a outro, para encontros e eventos diversos. (ABRAMO, 1994)



Segundo o referido autor, na periferia existe uma efervescência cultural protagonizada pelos jovens, através da dimensão simbólica como forma de expressão e comunicação. A música, a dança, o corpo e o visual são mediadores nesse processo, ela os envolve e os mobilizam. Os jovens tornam-se protagonistas e sujeitos de sua história nesse cenário, assumem papel de produtores de sua música e criam grupos de estilos diversos, que ampliam suas experiências no espaço urbano. Para o autor, estar inserido num grupo é importante, pois contribui para obterem visibilidade no meio em que vivem e na circulação pela cidade com o grupo.

A música é o principal produto consumido pelos jovens, e os acompanham em diversos momentos no decorrer da vida cotidiana. A partir da apropriação de um estilo de vida baseado em um gênero musical, eles vivenciam novas experiências e sonham com alternativas de vida diferentes das vivenciadas em seu contexto social. (DAYRELL, 2005)

Dayrell (2003) ao abordar a discussão sobre juventudes e grupos culturais, demonstrou as possibilidades que esses grupos potencializam como espaços de socialização e educativos. O meio cultural constitui-se em um espaço no qual é possível vivenciar a condição juvenil. Assim, a partir dos estilos musicais, esses sujeitos constroem determinados modos de ser jovem e trazem ao espaço público a diversidade e contradições vivenciadas pelos jovens nas periferias urbanas.

Magalhães (2008) realizou uma pesquisa cujo objetivo foi compreender a relação existente entre grupos culturais<sup>4</sup> e a experiência urbana de jovens de periferia. Conforme a autora, esse estudo foi fruto de outra investigação sobre as trajetórias e a sociabilidade dos jovens de grupos culturais em São Paulo. Na referida pesquisa, foi exposto os trajetos dos jovens entrevistados, pontos de encontros, antes e após ingresso no grupo, seus espaços de sociabilidades, usos e apropriação de equipamentos públicos, entre outros.

O pertencimento dos jovens a grupos não é ocasional, muitos grupos se juntam para fazer algo em comum, os grupos culturais, por exemplo, muitas vezes, podem nem ter compromisso com a profissionalização. Eles nascem em torno da esfera cultural, e assim se

---

<sup>4</sup> Para Magalhães (2008) a nomeação grupos culturais faz parte do cenário contemporâneo e amplia o universo de experiência e relações dos jovens da periferia. Os grupos culturais não podem ser considerados isoladamente, mas inseridos em determinados contextos. Grupos culturais, para a referida autora é um conceito mais amplo, não se constituem em esferas homogêneas de sociabilidades, e não está restrita apenas uma manifestação coletiva em torno de determinada prática, agrega também os grupos de estilos musicais.

O autor Juarez Dayrell (2002) nomeia esses grupos pertencentes a diversas linguagens artísticas e musicais de “grupos culturais”.





articulam e se expressam não se limitando somente ao seu bairro. A partir da inserção nesses grupos, a experiência urbana dos jovens pesquisados pela autora na periferia, foi ampliada. A atuação no grupo redefine o cotidiano do jovem, mudando suas formas de acesso à cidade e recriando novas formas de sociabilidade. (MAGALHÃES, 2008)

Almeida (2009) abordou as novas formas atuação juvenil na cidade de São Paulo, especificamente grupos que desenvolviam práticas culturais. O grupo analisado era composto por quinze jovens que se reuniam em torno de um projeto coletivo. A partir desse projeto, o autor mencionado destaca que eles desenvolveram uma série de ações e interlocução com o poder público e com outros grupos de jovens organizados em torno de ações culturais no seu bairro e na cidade.

Na visão do autor, os jovens possuem relação estreita com a metrópole, uma vez que demonstraram um papel dinâmico de interação e recriação nesse espaço. O lazer e a circulação são impulsionados por intervenções dos jovens nas paisagens urbanas, e os grupos que mais provocam essas mudanças são os pichadores e grafiteiros. Desenhos de todos os tipos se espalham da periferia ao centro e alteram a paisagem urbana. (ALMEIDA, 2009)

Conforme o referido autor, o direito à cidade, bem como ao usufruto dos bens culturais produzidos na metrópole é um direito que tem sido reivindicado pelos grupos juvenis em São Paulo, isso através de várias formas, como: músicas, símbolos, escrituras, vestimentas, entre outros. São ações protagonizadas pelos os jovens que se caracterizam como novas formas de atuação no espaço público e recria novos significados para quem organiza e para quem transita pelo bairro e pela cidade.

Os habitantes da cidade configuram maneiras de ser e de viver, através do seu ir e vir cotidiano. A cidade é recriada a cada momento pelos seus habitantes. Para as crianças e jovens, imaginar a cidade é também redesenhá-la a partir da posição que ocupam e querem ocupar nesse panorama. Nesse cenário, a visibilidade é uma das formas de se obter reconhecimento. (CASTRO, 2004)

Cassab (2009) também analisou os jovens pobres moradores de bairros periféricos e atendidos por dois programas governamentais destinados à juventude em Juiz de Fora/MG. Ela buscou compreender a relação com o espaço como importante elemento nas práticas da juventude contemporânea, especialmente de que forma a cidade pode ser vista como categoria central nas formas de ação juvenil e da concepção de política.



Para a autora supracitada, pensar a cidade é ponderar as contradições, os conflitos e as tensões que se estabelecem no espaço urbano. Nela, os sujeitos desiguais disputam seu uso e apropriação, confrontando-se pelo direito à ela. E os jovens pobres estão cotidianamente submetidos a mecanismos que restringem o uso e apropriação da cidade e do urbano. Para os jovens pobres é vetado o acesso a bens simbólicos e a possibilidade de viverem a cidade como obra e espaço da política.

Os jovens pobres possuem alguns limites impostos no que toca o direito à cidade. O uso e apropriação da cidade são restritos e limitados, apenas a pedaços dela. A circulação pela mesma é circunscrita a determinados espaços, ao bairro em que residem ou ao seu entorno, poucos circulam de fato pela cidade. (CASSAB, 2009)

Um dos fatores da referida restrição dá-se devido à desigualdade social, segregação e distinção territorial, restando aos jovens citados apenas fragmentos da cidade. A circulação dos jovens pobres na cidade é reduzida, seu uso e apropriação são limitados a porções dela.

Assis (2005) também analisou as experiências dos jovens de classes menos favorecidas integrantes de um projeto do governo do estado, bem como de suas formas de apropriação na cidade do Rio de Janeiro/RJ. Ela percebe que a forma como a cidade se revela para os jovens é determinante na construção de suas subjetividades, implicando nas diferentes formas que traçam seus percursos pela cidade. Porém, a construção desses percursos só será produzida na medida em que circulam e experienciam a cidade, reconhecendo suas diversas instâncias. Eles possuem formas peculiares de se expressarem e se fazerem reconhecidos no espaço urbano, as mesmas são lúdicas e criativas.

Nascimento (2005) investigou os jovens do ensino médio e fundamental de três escolas públicas da periferia de Porto Alegre/RS. A autora possuía como objetivo o conhecimento dos espaços nos quais esses jovens transitavam no cotidiano e as práticas desenvolvidas por eles nos referidos espaços. Percebeu-se que esses sujeitos ocupavam e eram encontrados nos mais variados espaços na cidade em que conseguiam transitar. A partir das suas práticas sociais, expressadas na música, no esporte, na religião, na escrita ou no desenho, eles encontravam uma forma de se mostrarem a sociedade, uma vez que outros meios institucionalizados não lhes davam voz e vez.

Na perspectiva de Magnani (2005), através dos resultados obtidos nas pesquisas etnográficas acerca dos jovens e suas práticas culturais e de lazer na cidade de São Paulo, ele valorizou além das relações sociais estabelecidas, as configurações espaciais que correspondem



à circulação dos jovens dos grupos. E propôs o emprego do termo circuitos de jovens, como ponto de partida para abordagem do comportamento dos jovens nas grandes cidades. Assim, o autor demonstrou como ocorrem as manifestações culturais e musicais de vários grupos e as formas de apropriação dos espaços de circulação dos mesmos.

Na circulação pela cidade, as configurações espaciais são importantes. Os atores sociais com suas especificidades interagem com o espaço, que é produto da prática desses agentes e fator determinante em suas práticas. Os grupos juvenis não podem ser visto confinados em algumas áreas ou soltos sem rumo pela cidade, pois no trânsito pela cidade é que estabelecem conexões e interação. (MAGNANI, 2005)

Castro (2004) descreveu o modo de crianças e jovens do Rio de Janeiro viverem na cidade e se construírem como seus habitantes. A autora trata de outro ponto de vista de se fazer cidadão na e da cidade, aborda a mesma construída nas ações cotidianas de crianças e jovens que tramam a vida na cidade. Ela expõe a cidade a partir dos depoimentos, histórias e pontos de vista deles acerca da vida na cidade e de como saem para descobri-la e conquistá-la. Para a autora mencionada, tornar-se habitante da cidade é um processo constante de aprendizagem. Nascer e crescer na cidade não são pré-condição para saber lidar com os muitos desafios que envolvem a vida na cidade.

A contradição e a pluralidade são marcas da vida cidadina que empurram todos para um constante processo de aprendizagem. Esse processo não se dá de forma igual para todos os seus habitantes. Para a referida autora, as crianças e jovens lutam para fazer da cidade um espaço seu, uma obra sua. “Fazer da cidade, dos pequenos espaços, dos becos, dos trajetos, dos fazeres urbanos, uma obra também sua, requer ação recalcitrante, já que a cidade – especialmente os espaços públicos” (CASTRO, 2004:32) foram construídos pelos os adultos.

Nota-se que deslocar-se pela cidade implica experimentar a materialidade do espaço. No deslocamento por outros espaços, outras experiências são vivenciadas pelos jovens, no qual impulsiona transformações pessoais nos mesmos e na cidade em que se vive. Novas experiências e descobertas impõem-se a partir dos trajetos. (CASTRO, 2004)

Outros autores também compreendem a circulação como positiva para os jovens, visto que representa liberdade, encontro, apropriação e conhecimento de outras realidades, além da possibilidade de estabelecer novas relações sociais. A rua aparece para eles como possibilidade de novidade, campo de surpresas e experiências, lugar de encontro e distração.



Essa é o lugar de uso e troca, nela os sujeitos passam, observam, interagem e vivem a cidade. (CASSAB, 2013)

Entendemos que no ato de circular o indivíduo visualiza outras possibilidades e horizontes. Circular livremente por diferentes espaços permite apreender o espaço, captar suas realidades e possivelmente mudança no olhar, apropriação e usufruto dos seus equipamentos e conseqüentemente ocupação da cidade. Porém, as práticas sociais das juventudes, seus usos e trajetos são ainda condicionados pelas formas que esse espaço é produzido e organizado, e ele apresenta restrições, limitações e segregações. Na visão de Nascimento (2005) existem problemas sociais e econômicos que são à base de interdição e restrição dos espaços e das práticas sociais cotidianas dos jovens. Muitos diminuem as possibilidades de deslocamento pelos múltiplos espaços da cidade.

Os recursos escassos pré-determinam a circulação ou a limitam, muitos jovens não trabalham e não possuem dinheiro para a condução ou passagem de ônibus por vários espaços na cidade, a discriminação que sentem em alguns lugares ou barreiras na comunicação com jovens de outras classes sociais ou de outros bairros, são motivos para permanecerem mais tempo em casa. Muitos jovens têm também seu lazer limitado à própria casa, casa de parentes e amigos, mas percebido como espaço de alegria, encontro e festa. Outros transitam por alguns espaços públicos, por exemplo, parques, praças e campos de futebol ou espaços privados como boates, shoppings, entre outros. Existem diferenças entre os sexos masculino e feminino em relação aos espaços frequentados e as práticas sociais. (NASCIMENTO, 2005)

Porém, apesar das interdições, para Cassab (2013) a juventude é produtora e reprodutora do espaço. É um movimento duplo, ele se dá a partir das ações, da mobilidade, dos gestos e da relação que os jovens estabelecem com os bairros e com a cidade, dos usos que estabelecem com e no espaço urbano e com a cidade. “A juventude produz o espaço e é, também, condicionada pelas formas pelas quais este espaço é socialmente produzido e organizado.” (CASSAB, 2013, p.8)

Castro (2004) percebe que a mobilidade é determinada por variadas condições, que põe em cena relações de poder. Na circulação pela cidade, se experimenta as contradições e condições de um acesso desigual aos seus bens. Desse modo, muitas vezes os jovens se encerram em espaços que restringem suas probabilidades de ver, conhecer e ocupar a cidade.

Segundo Assis (2005) a falta de oportunidades de trocas sociais no meio social em que residem e no espaço urbano, implicam nos jovens pesquisados pela autora, em sentimentos



de desapropriação, de vazio e não pertencimento. Desse modo, a participação através do trabalho ou de lazer é valorizada por eles como fuga ou proteção dos perigos da rua. O trabalho é estimado como fator de mobilidade, uma vez que pelo caminho do consumo se viabiliza a participação e o acesso dos jovens da periferia a determinados espaços sociais, facilita a apropriação de bens e serviços urbanos, e favorece a mobilidade por diversos ambientes.

Infelizmente, o aprendizado e o viver na cidade perpassam muitas vezes pelas limitações e interdições, do não acesso a infraestrutura, bens e possibilidades que as cidades contemporâneas oferecem. E as políticas públicas e redes de proteção às juventudes são deficientes ou mal organizadas, não atendem as especificidades dos jovens.

Em contraposição a esse quadro, Assis (2005) percebe que apesar das restrições e entraves que vivenciam, os jovens que pesquisou na periferia, encontram outras vias de identificação diferentes das impostas pelo padrão dominante, visto que mapeiam seus trajetos e delimitam seus circuitos de sociabilidades, fazendo-se deste modo, reconhecidos no espaço urbano.

Também Magalhães (2008) afirma que percebeu na análise realizada com os jovens pertencentes aos grupos culturais moradores da periferia, que apesar da experiência urbana deles ser marcada pela segregação e interdições, e o acesso a certos pontos e espaços serem limitados, ela detectou nos participantes dos grupos uma apropriação peculiar do espaço urbano. Essa apropriação se dá através da construção de circuitos e trajetos singulares, e são influenciados pela experiência a partir da inclusão em grupo.

Compreendemos que, no contexto das cidades contemporâneas os sujeitos juvenis coexistem com situações de vida que permeiam territórios de esperança, de invisibilidade e de desesperança, mas depreendemos das leituras teóricas que mesmo em meio às contradições os jovens circulam por alguns espaços, apropriam e elaboram circuitos de sociabilidades e se fazem reconhecidos através de configurações singulares. Sem dúvida, existem alguns problemas, limitações e restrições que são entraves as suas diferentes práticas no espaço urbano, mas, mesmo assim demonstram que constroem mecanismos de ação e resistência diante das experiências da vida cidadina.

Notamos que, as diferentes juventudes nas periferias das cidades demonstram ações peculiares, seja em grupos ou sozinhos, eles empreendem em práticas diversas no qual transitam pelo espaço urbano e apropriam de seus espaços, construindo sentidos próprios. A maioria dos autores debatidos neste tópico identifica que muitos jovens das periferias urbanas



circulam pelos diferentes espaços da cidade, apesar dos obstáculos, desigualdades e restrições materiais existentes. Percebemos que são trajetórias de vida heterogêneas, que podem ser estratégias para sair da invisibilidade, circularem pela cidade e usufruírem dela.

Concluímos que, viver na periferia, muitas vezes é conviver com contradições que comprometem as condições de uma vida digna. Essa parte da cidade, geralmente não oferecem muitas escolhas e opções de lazer, educação, cultura, esporte, moradia e espaços públicos de qualidade. Supomos que, as experiências em grupos juvenis em torno da esfera cultural, ou sozinhos, realizando diversificadas práticas sociais podem ser uma alternativa de mobilidade, uso, apropriação e consumo do espaço urbano local e de outros ambientes em que transitam os jovens da periferia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço urbano é o meio onde o homem nas cidades materializa sua vida cotidiana e suas relações, porém sabemos que nas periferias de grandes cidades brasileiras esse meio é marcado por pobreza e carências diversificadas. As profundas desigualdades sociais se explicitam na produção e reprodução da vida na cidade, enquanto determinada parte da população usufruem plenamente da cidade e de seus bens, grande parcela dessas pessoas vive em condições precárias e excluídas da vida na cidade.

Com efeito, os jovens que habitam a periferia, sobretudo de baixa renda vivenciam impossibilidades e falta de perspectivas por serem da periferia e pobres, o que restringem suas oportunidades de acessar e consumir plenamente o espaço urbano. As possibilidades oferecidas pelas cidades em determinados setores não chegam até eles, vivem em posição de desvantagem social. Seus acessos, usos da cidade, são limitados pelo lugar social que ocupam.

Percebemos que no cenário urbano, apesar de limitações impostas pelo contexto social dos jovens supracitados, as suas variadas práticas sociais refletem outras possibilidades de vida diferentes das encontradas no seu meio social. São estratégias de vida e formas singulares de sociabilidades e reconhecimento que lhes permitem serem construtores da própria história de vida nos lugares em que se encontram inseridos. Eles demonstram através das experiências e vivências nos percursos na cidade, novas possibilidades surgidas mediante a interação, mobilidade e circulação pelo espaço urbano. Essas realidades diversas confirmam a





multiplicidade e singularidade das juventudes brasileira, uma vez que esses atores sociais apresentam trajetórias de vida distintas.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena W. 1994. *Cenas Juvenis: Punks e Darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta, 172.

ALMEIDA, Renato Souza. 2009. *Juventude e participação. Novas formas de atuação juvenil na cidade de São Paulo*. Disponível em: <<http://www.cenpec.org.br/biblioteca/acao-comunitaria/teses-dissertacoes-e-ensaios>> Acesso em: 05 de set. 2012.

ASSIS, Daniela dos Prazeres de. 2005. *Os circuitos de sociabilidade de jovens de baixa renda no espaço urbano*. Disponível em: <[http://teses.ufrj.br/ip\\_m/DanielaDosPrazeresDeAssis.pdf](http://teses.ufrj.br/ip_m/DanielaDosPrazeresDeAssis.pdf)>. Acesso em: 03 de dez. de 2013.

CARRANO, Paulo. 1999. *Angra de Tantos Reis: práticas educativas e jovens tra(n)çados da cidade*. Disponível em: <<http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/1984/1/tese.pdf>>. Acesso em: 01 de jun. de 2013.

CASSAB, Clarice. 2009. *(Re) construir utopias: Jovem, Cidade e Política*. Disponível em: <[http://www.bdtd.ndc.uff.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=3306](http://www.bdtd.ndc.uff.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3306)>. Acesso em: 15 de set. de 2013.

\_\_\_\_\_. 2013. *Espacialidade dos jovens em cidade média: um olhar sobre os usos do espaço pelos jovens em Juiz de Fora - MG*. Disponível em: <[http://www.egal2013.pe/wp-content/uploads/2013/07/Tra\\_Clarice-Cassab.pdf](http://www.egal2013.pe/wp-content/uploads/2013/07/Tra_Clarice-Cassab.pdf)>. Acesso em: 15 de jan. de 2014.

CASTRO, Lúcia Rabello de. *A aventura urbana: crianças e jovens no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7letras, 2004.

DAYRELL, Juarez. 2003. *O jovem como sujeito social*. In: *Revista Nacional de Educação*, 24, Disponível em: [http://www.anped.org.br/rbe/numeros\\_rbe/revbrased24.htm](http://www.anped.org.br/rbe/numeros_rbe/revbrased24.htm). Acesso em: 08 de abril 2009.

\_\_\_\_\_. 2001. *A música entra em cena: o rap e funk na socialização da juventude em Belo Horizonte*. Disponível em: <<http://www.fae.ufmg.br/objuventude/upload/acervo/2b8a46416944af8dfcd752bd8533952d.tese%20Juarez.pdf>>. Acesso em: 10 de ago. 2012.

\_\_\_\_\_. 2002. *Juventude, grupos culturais e sociabilidade*. Disponível em: <https://xa.yimg.com/kq/groups/19457852/.../grupos+juventude.pdf>. Acesso em: 12 de fev. 2012.

\_\_\_\_\_. *A música em cena: O rap e o funk na socialização da juventude*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.



DAYRELL, Juarez; CARRANO, César Paulo. 2003. *Jovens no Brasil: Difíceis travessias de fim de século e promessas de outro mundo*. Disponível em: < <http://www.ibase.org.br>>. Acesso em: 27 de set. 2006.

MAGALHÃES, Liliane Sousa. 2008. *Participação de jovens em grupos culturais e mobilidade no estado de São Paulo*. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-09022010-090134/pt-br.php>>. Acesso em: 20 de Fev. 2013.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. 2005. *Os circuitos dos jovens urbanos*. In: *Tempo Social-Revista de Sociologia da USP*. São Paulo. 17, 173-204.

NASCIMENTO, Carmen Teresina Brunel do. 2005. *A casa, a escola e a Rua: Espaços de múltiplas práticas sociais no cotidiano de meninos e meninas que frequentam três escolas públicas na periferia da cidade de Porto Alegre*. Disponível em: < <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/11828/000495826.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 20 de set. de 2013.

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. 2004. *Políticas públicas de/ para/com juventudes*. Brasília: UNESCO.